A Grande Questão do Dia

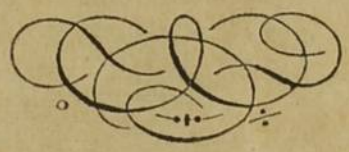
Conselheiro Paranhos

1865

A GRANDE QUESTÃO DO DIA

O ACCORDO DE 20 DE FEVEREIRO

O CONSELHEIRO PARANHOS



PERNAMBUCO
TYPOGRAPHIA DO CORREIO DO RECIFE
Rua do Imperador n. 79 1º andar
1865

A GRANDE QUESTÃO DO DIA

O ACCORDO DE 20 DE FEVEREIRO

O CONSELHEIRO PARANHOS

I

Narra Plutarcho que Aristides, tendo tido grande parte na administração da republica e recebido o sobrenome de *Justo*, fôra um dos mais importantes na batalha de Márathon; e que Themistocles, seu rival, com ciumes do seu credito, o fez banir por meio do ostracismo. Acreditamos que em nossa patria não ha Márathon, ostracismos, nem Themistocles; mas certas reminiscencias historicas não prejudicam.

II

Fôra o dia 3 de Março de ineffavel jubilo para esta capital. Todos os cidadãos se abraçavam; a cidade se vasára nas ruas e praças publicas; continuas girandolas atroavam os ares; cruzavam-se em todas as direcções as bandas de musica; echoavam por toda a parte os vivas e os brados de alegria; illuminavam-se todas as casas espontaneamente; adornaram-se as principaes ruas; fecháram-se as repartições; embandeiráram-se muitos edificios; manifestaram-se todos os signaes de enthusiasmo de um povo ebrio da sua nobre e incruenta victoria.

Com effeito, chegára nesse dia a noticia da capitulação de Montevidéo, que o governo, pelo seu orgão do *Diario Official*, annunciava ao povo, ao publicar logo os principaes documentos, ás 6 horas da tarde, com estas palavras:

« Esta solução, que poupou á cidade de Montevidéo as desgraças de um assalto, e pacificou a Republica como por encanto, *restabelecendo simultaneamente a paz e alliança com o Imperio sobre bases as mais honrosas*, causou o mais enthusiastico

contentamento entre nacionaes e estrangeiros.... O convenio de 20 de Fevereiro recordará daqui em diante a pacificação da Republica do Uruguay.... Em Paysandú vencêram os alliados pelas armas; em Montevidéo só pela presença dos seus exercitos, *e pelos esforços de nossa diplomacia;* é um bello triumpho! »

Poucas horas eram passadas, e a cidade se maravilhava com a mais estupenda mutação de scena. O mesmo orgão do governo, o mesmo *Diario Official,* ás 6 horas da manhã do immediato dia 4, fallando do accordo, que assim qualificára, minutos antes, exprime-se agora assim:

« O accordo não attendeu, tanto quanto cumpria, ás considerações que fizemos. Comtudo, o governo imperial reputa de sua lealdade manter o que foi ajustado. O governo imperial resolveu dispensar da missão diplomatica que lhe estava confiada, o conselheiro Paranhos.

Pouco importam as coherencias ou incoherencias do *Diario;* mas importam muito para a causa publica as incoherencias nos pensamentos, nas palavras e obras do governo. Este seu ultimo acto afigura-se-nos tão feiamente ingrato, e, o que é peior, tão eminentemente impolitico, que formamos votos ao céo para que se não torne fecundo em desastres.

III

Quem é o conselheiro Paranhos, a quem assim, na situação mais grave por que o paiz tem passado, desde a independencia, demittem de semelhante cargo, como se fosse um inspector de quarteirão, que mal houvesse cabalado em uma chapa eleitoral?

Paranhos é um dos homens de cabeça e coração, de acção e de palavra, que mais honram a nossa patria. Sempre que esta o chamou a servil-a, esse homem se distinguio na vanguarda dos mais illustres.

— Applica-se ao ensino da mocidade, no alto magisterio? Torna-se modelo de professores.

— Toma a penna da imprensa periodica? Seus escriptos agradam, convencem e vencem.

— Sobe á tribuna parlamentar? Ahi se lhe admiram a urbanidade, a elegancia, o vigor, a cerrada logica, o atticismo, a sciencia, a facilidade, os grandes dotes do extremado orador.

— Entrega-se-lhe a direcção da fazenda publica? Apparece inopinadamente consummado financeiro quem até ahi não havia ainda revelado essa face do seu talento e dos seus variadissimos estudos.

— Confiam-se-lhe as relações internacionaes, seja na direcção suprema, seja em missões especiaes? Não conhece

este Imperio quem melhor advogue a sua causa, quem mais felizmente conclua as negociações, com um tacto, um tino diplomatico, inveja dos, excepcionalmente encanecidos nesse serviço do Estado.

IV

E, se o homem é daquella tempera, que diremos do cargo de que o exoneram com tão rispidas fórmas, como se elle houvesse trahido o paiz?

Um plenipotenciario, em tempo de guerra, é uma entidade quasi igual ao governo, quasi maior que o governo, pois que em verdade os seus poderes cumpre que excedam os regulares e ordinarios do poder executivo. Pois a um tal funccionario destitue-se com tamanha semceremonia? Se a mente foi uma punição, não comprehende o governo que, punindo o seu lugar tenente, se pune a si mesmo?

V

E ataquemos directamente a questão. Ha um dilemma donde o governo se não póde desespetar.

— Calcou o Sr. Paranhos as suas instrucções de um modo grave e prejudicial ao Imperio? Então o governo não devia manter o que por elle foi ajustado fóra dos termos da autorisação.

— Procedeu segundo as suas instrucções e as conveniencias publicas? Então porque o demittis e o vilipendiaes?

De todos os expedientes possiveis, não o ha mais injustificavel que o adoptado. Descontenta quantos tem trabalhado, estrangeiros e nacionaes, para a solução que se obteve. Desmoralisa completamente a situação.

Que politica é esta, santo Deus! O mesmo governo declara que mantém o que foi ajustado; e o que foi ajustado stygmatisa-o! Diz ao povo que fica aceita a nova ordem de cousas, e préga-lhe, por palavras e factos, que isso que se fez foi em descredito do paiz e em menoscabo dos brios nacionaes.

Isto é a revolução vinda de cima para baixo, isto é o esphacelamento dos actos do poder, apregoado pelo mesmo poder; isto é a deslocação, a desordem, a anarchia, aconselhadas por aquelles cuja missão devera ser a de obstar-lhes.

VI

Mas, Senhores, nós, se nos não enganamos, ainda não vivemos sob o imperio do knout e do czarismo. Quizestes com a vossa violencia denunciar que havieis ficado descontentes; mas isso nunca basta, e muito menos tratando-se de uma

questão internacional. Na Turquia manda-se a corda ao grão-visir, para se enforcar (lá mesmo costuma ser *de sêda*); aqui enforca-se o funccionario com corda de esparto, sem julgamento nem processo. Que delicto do conselheiro Paranhos motivou a sua demissão proferida de modo infamante? Carregastes os sobrolhos, sabemos; estaes furiosos, mas porque?

Estes objectos cumpre que sejam mui publicos. Todo o cidadão, em nossa fórma de governo, tem direito de vos interrogar. Não basta o *hatti-sheriff*; venham os fundamentos.

Pois que! Houve motivo poderosissimo para em tal dia e em taes circumstancias se fulminar um altissimo empregado, uma inteira ordem de cousas; e converte-se esse motivo n'uma propriedade exclusiva do governo, n'um segredo inquisitorial, n'um mysterio?

Imprudencia! Para que o paiz possa fazer côro com o governo, este que o habilite com os elementos que teve para o seu julgamento. A guerra oriental está acabada. Publique o *Diario* as instrucções dadas ao Sr. Paranhos, ou pelo menos, por extracto, aquellas que o Sr. Paranhos menosprezou.

Não o ousará, estamos convencidos. Envolvendo-se na capa das negociações pendentes (que já não pendem), intimará ao paiz que o creia sob palavra, e lhe não tome satisfações. E' outro dos taes expedientes commodos.

Publicar tudo quanto se tem escripto? Não é possivel. Quem sabe se entre essas instrucções não appareceria a de *conter os assomos bellicos* de alguem, em contraposição á actual censura de os não ter animado e satisfeito? Quem sabe se.... Não argumentemos sem base; cumpre ao governo proporcionar-no-l'a.

O tempo urge. Seria puerilidade adiar tão palpitantes questões para as kalendas gregas da reunião do parlamento. Então o Sr. Paranhos, perfeitamente armado, tomará severas contas a quem tiver de as dar; mas a esse tempo já estas questões estarão menos incandescentes, e provavelmente os actuaes ministros substituidos. Com tudo isso se conta, sendo a razão que obstará a uma publicação que devia ter sido feita sem rogos.

VII

Mas, pois que os motivos da demissão não foram divulgados, cumpre que o espirito publico se deite a adivinhar, e essa ousadia tambem a teremos nós, que aliás não vemos necessidade de restringir o nosso pensamento. Todavia, antes de perscrutar as taes idéas nevoentas do governo, antes de esmerilhar em que teria a andorinha do Sr. Paranhos deixado de seguir o vôo da aguia do Sr. ministro dos estrangeiros, ha um ponto cardeal a estabelecer.

Antes de avaliar o que nos faltasse na convenção, cumpre examinar o que pela convenção adquirimos.

VIII

Tres ordens de interesses tinhamos ainda no dia 20 de Fevereiro que ventilar, ou pela armas, ou pela diplomacia.

— Em relação ás nossas justas reclamações, *no passado.*

— Ao nosso pundonor nacional, *no presente.*

— A' prosecução da guerra com o Paraguay, *no futuro.*

Todos estes tres pontos foram bem attendidos e corôados do melhor exito pelas providencias tomadas, como passamos a vêr.

IX

E' sabido que as nossas antigas reclamações foram enfeixadas na memoria que acompanhou o *ultimatum* offerecido pelo Sr. conselheiro Saraiva, e conseguintemente em referencia a essa ordem de exigencias, tudo estava obtido desde que o *ultimatum*, repellido com sobranceria por Aguirre, fosse aceito pelo novo presidente da Republica. Assim succedeu.

O convenio de 20 de Fevereiro ractifica « o amigavel accordo de 28 e 31 de Janeiro, no qual Flores promette a justa reparação que o Imperio havia reclamado antes da guerra. » Esses dous notaveis documentos, assim considerados parte integrante do accordo, apresentam uma honrosa sequencia de items, todos destinados a dar plena satisfação aos interesses e á honra do Imperio. Ahi diz o general em chefe, e hoje o repete o presidente, que « ao Brazil dá a segurança de que as suas reclamações, que motiváram o *ultimatum* de 4 de Agosto ultimo, serão attendidas com rigorosa justiça e inteira lealdade, valendo aquella declaração como empenho de honra, e acto solemne e perfeito da soberania oriental. »

Conseguintemente neste ponto essencial, o unico que nos pôz as armas nas mãos, está visto que o Brazil obteve tudo quanto exigira ao encetar a guerra.

X

Tinhamos incontestavel jus a uma brilhante satisfação pelos actos brutaes, praticados pela facção decahida em Montevidéo, e isso o alcançamos do modo mais honroso e sufficiente para contentar o pundonor de uma nação cavalheirosa.

— No dia 22 entrou em Montevidéo uma brigada nossa, e logo no seguinte foi saudada a bandeira brazileira pelo forte de S. José com 21 tiros.

— Por decreto de 28 de Fevereiro foi declarado acto irrito, e um dos mais deploraveis excessos, o decreto de Aguirre que deu por nullos os tratados entre o Brazil e a Republica, condemnando-os ás chammas, e restabelecendo o *statuo quo ante bellum.*

— Em igual data se prescreve que nenhum cidadão possa tomar armas contra o Brazil, nem de modo algum, directo ou indirecto, auxiliar o inimigo do Brazil.

A estes significativos factos juntem-se as disposições pactuadas em 28 de Janeiro, e ratificadas pelo accordo de 20 de Fevereiro, pelas quaes se estabelecem, entre outras cousas, por exemplo, estas:

— Que os autores e complices notorios de delictos commettidos contra as pessoas de subditos brazileiros serão punidos com toda a severidade das leis da Republica, sendo destituidos immediatamente, *sem prejuizo dos respectivos processos criminaes.*

— Que os Brazileiros forçados a serviço, serão postos em liberdade e indemnisados dos prejuizos immediatamente.

— Que se executará logo o accordo da garantia dada pelo governo da Republica ás reclamações de prejuizos da antiga guerra civil, equiparadas ás francezas e inglezas.

— Que se celebrarão quaesquer outros accordos para as relações de boa visinhança e reciproca segurança entre os dous povos.

E', pois, evidente que os nossos interesses foram salvaguardados tanto no passado como no presente, ou elles sejam de natureza material ou moral; e, quanto a qualquer ponto ainda omisso, a derradeira clausula o abrange.

E afim de que devidamente se aprecie esta conclusão, cumpre não perder de vista que nós não fomos guerrear com o Estado Oriental, e, portanto, não podiamos humilhar esse Estado vencido. Aos nossos olhos o exercito oriental libertador é que representava a nação oriental, desse eramos nós alliados, e, portanto, esses, isto é, a nação, foram vencedores. E' conseguintemente de primeira intuição que não podia a linha politica adoptada pelo Brazil comportar mais violenta serie de satisfações, que só poderiam ser dadas por paiz conquistado ou vencido.

XI

E o futuro? Estamos a braços com a selvagem aggressão do Paraguay. Essa guerra é para nós, por muitos titulos, mais grave.

Dir-se-hia que Lopez, que nos deve o seu poder, e a deploravel independencia do seu paiz, quiz a triste celebridade de

Ptolomêo, decepando o collo do seu tutor e bemfeitor Pompêo. E' um ingrato.

Nem plausiveis, nem imaginarios, tinha pretextos contra o Brazil. Intrometteu-se em questão estranha, imaginando milagres da sua espada aquelle Brenno dos Pampas. Arvorou-se em dictador da America meridional. Sem declaração de guerra, capturou um navio indefeso, lançou em ferros um alto funccionario brazileiro e roubou todo o capital existente a bordo desse navio. Invadio o nosso territorio. Acommetteu e tomou praças nossas, em provincia desguarnecida. Na sua incursão praticou os actos mais barbaros, talando, violando, incendiando, roubando, matando, enfiando orelhas em cordeis e praticando os ultimos actos de cannibalismo. Accresce que esse despresivel *sova*, esse republicano mais despota que os mais afamados tyrannos, alardêa os seus recursos militares, os seus Humaytás com 300 peças, os seus 30,50 ou 100,000 soldados, as suas encommendas de navios encouraçados, os seus.... Tudo isso precisa ser varrido da superficie da terra e das aguas. Ahi, nenhuma capitulação é possivel. Na Assumpção, a bandeira auri-verde só póde ser cravada quando essa cidade se tiver rendido á discripção. E' essa a nossa questão de hoje, de interesse, de honra, de vida.

Até o dia 20 de Fevereiro, o nosso exercito, sitiando Montevidéo, tinha corrido o risco de se ver entre dous fogos, atacado na retaguarda pelos Paraguayos, que, forçando poucas leguas de Corrientes, entrassem no Uruguay por Monte-Caseros e Belem, ou descessem por Entre-Rios á Conceição e Paysandú.

Não havia nisso impossibilidade alguma. Venceriamos sem duvida: mas a troco de que sacrificios? Esta posição ficou desde 20 de Fevereiro toda mudada em nosso proveito: em vez de nos vermos entalados entre os fogos do Uruguay e Paraguay, somos nós agora que, não tendo já inimigos no Uruguay, marchamos, ao contrario, com esse Estado contra o Paraguay, tornado inimigo commum e unico.

Esta ulterior face da questão foi finalmente não menos encarada pelo habil negociador. A cooperação do Estado Oriental na guerra encarniçada que vamos sustentar é um facto consummado. A nota do general Flores, escripta a 28 de Janeiro e ratificada no accordo de 20 de Fevereiro, assegura ao governo imperial que « prestará ao Imperio toda a cooperação que esteja ao seu alcance, considerando como um empenho sagrado a sua alliança com o Brazil na guerra deslealmente declarada pelo governo paraguayo. »

E, ao concluir este topico, responderemos ás patriotadas stygmatisadoras de uma *guerra de parceria*, que esta nunca deslustrou paiz algum. E' a França o paiz guerreiro por ex-

cellencia; é para a dynastia napoleonica timbre e elemento de segurança a guerra. E todavia Napoleão III ainda não guerreou senão de parceria! Teve por parceiros Inglaterra, Turquia e Piemonte no Oriente. Teve na Cochinchina a Hespanha. Teve no Mexico, a principio a Hespanha e Inglaterra, e depois os indigenas. Teve na China a Inglaterra. Teve em Magenta e Solferino a Italia. Ainda está para ser a primeira expedição bellica, tentada a sós por esse principe e povo guerreiro. Não precisamos nós alardear mais pundonores militares que a França dos Napoleões.

XII

De quanto precede se collige que, cheio de razão, proclamava o marechal barão de S. Gabriel ao exercito, logo em 21 do passado, ao descrever o theor da convenção:—« As armas e a diplomacia brazileira não podiam ser mais felizes, nem mais generosas em seu triumpho. O Brazil inteiro o ha de reconhecer e applaudir. »

Ainda hoje, o *Correio Mercantil*, em seu artigo editorial, se exprime assim: « E' sobremodo lisongeira a apreciação que do procedimento do Brazil faz a imprensa do Rio da Prata, de todos os credos politicos, » e exulta com est'outra phrase do orgão official *Nacion Argentina*: « O Brazil, offendido e presente na hora do perigo, não pede nada para si no dia do triumpho. Declara-se satisfeito; e retira-se no momento em que o partido liberal sobe ao poder. »

Sim, cem vezes sim. E' esta a opinião de todos os homens sensatos, de intelligencia illustrada e coração patriotico, d'aquelles que se não deixam arrastar por meia duzia de exaltados, que, longe do theatro da guerra, só a desejam com todo o seu acompanhamento de horrores; que pretendem fazer-nos retrogradar ás éras das hostilidades antropophagas, e que pagam os leaes representantes dos interesses brazileiros com o dezar e a perseguição. Felizmente existe uma opinião publica illustrada para oppôr aos desvarios de patriotas a quem o governo escuta e obedece. Se o governo sonhou que ao nobre conselheiro Paranhos imporia macula, deploremos tão irrisoria pretenção.

Passemos agora a encarar a questão pelas censuras que se tem feito ao accordo e pelo alcance politico do inconsiderado acto do governo.

XIII

Parece ficar demonstrado o muito que a nossa diplomacia obteve e, para maior gloria nossa, de um modo incruento.

Incruento! Eis ahi o principal crime, aos olhos dos *ferra-*

brazes. Esses bellos politicos não querem senão rosarios de Paysandús. Para elles a guerra não é uma immensa, mas indeclinavel, catastrophe: é uma tragedia pratica, um magnifico espectaculo gratis, um divertimento de commoções e abalos. Os espectadores só applaudem quando corre muito sangue, e quando o circo dos gladiadores se ensopa no dos que *cahem com graça.*

Querem ressuscitar a qualificação de *chair à canon.* Era indispensavel uma hecatombe humana; os vencedores brazileiros não podiam marchar bem nas ruas de Montevidéo senão calcando as ruinas fumegantes de uma das mais esplendidas cidades da America Meridional, arrazando edificios innocentes, suterrando toda uma população e salgando o solo dessa moderna Troya!

Quem assim pensa não é homem das nossas terras nem do nosso seculo. Se já um Herodoto dizia ser a paz o tempo em que os filhos enterravam os pais, e a guerra o em que os pais enterravam os filhos; se já um Horacio clamava contra *bella matribus detestata;* que será hoje, quando o christianismo e a civilisação se insurgem contra essa tremenda calamidade, esse resto da antiga barbaria, ainda não desencravado das modernas sociedades! Essa *ultima ratio regum*, tornada cada dia mais rara, exige na actualidade que nem ao proprio inimigo se cause mal, que seja dispensavel.

As guerras exterminadoras, vandalicas, são o opprobrio dos seculos que já lá vão. Pois, em igualdade de circumstancias, e alcançado o exito desejado, não é mais doce a corações bem formados deixar intactas as cidades, que aliás podessem arrasar-se, vivos os nossos semelhantes, de que aliás houvessemos podido fazer cadaveres? Augmentaria a nossa gloria um Montevidéo desmantelado, ou empanala-hia um Montevidéo incolume? São os templos, os edificios, os monumentos, as habitações, os quarteis, entes animados, delinquentes, puniveis por estranhos erros? Quanto mais ensopados em sangue, mais reverdecerão os nossos louros? Dormirá mais brando sommo a consciencia do guerreiro, quando ella lhe apresentar a imagem dos defuntos feitos pelo seu braço, do que estrellejando-lhe com a imagem das vidas que poupou? E n'uma cidade bombardeada, succumbem somente os culpados, ou antes um culpado por cada centenar de Innocentes?

E não é, só isso. E os nossos? N'uma lucta encarniçada, não poucos teriam de morder a terra. Ainda no *Mercantil* de hoje se lê, de Montevidéo; « Esta praça estava muito bem fortificada; e antes do dia 18 foi observado do Bucêo um exercicio de fogo, bombas, balas e foguetes de *congréve,* feito com toda a pericia e precisão. » Se é certo que dentro da cidade havia 4,000 ou 5,000 soldados; se o é, que tal numero se deve

computar pelo quintuplo ou sextuplo, attenta a circumstancia de combaterem ao abrigo de reductos, contra sitiadores a peito descoberto; se finalmente conhecemos a força de infantaria de que nós podiamos dispôr para as operações do sitio e do assalto, adquiriremos a convicção de que a esphera armillar ficaria, sim, afinal vencedora. mas coberta de luto pela perda de muitos centenares de valentes Brazileiros, cuja conservação precisamos hoje para a guerra do Paraguay, e sempre para a gloria da patria.

Cada um desses nossos briosos concidadãos que ainda vivem, e com honra, e que a metralha inimiga houvera arrebatado, significa uma familia que deve ao convenio um seu membro ou o seu chefe. Não pouco sangue se derramou já, em Paysandú; seria um crime repetir essa mortandade de homens esforçados.

Accresce que os successos dos ultimos dias que precederam o do accordo, haviam completamente mudado a face dos negocios. Como se havia então de arrasar a cidade de Montevidéo? Montevideanos eram os nossos alliados, a quem não convinha (e nem tão pouco a nós) inaugurar a nova ordem de cousas pela destruição da capital de sua patria: o que converteria em maldições os vivas com que foram acolhidos. Os Montevideanos do interior da praça já não eram aquelles contra quem haviamos tomado armas; já não tinham poder os Aguirres, Suvielas nem Carreras, que haviam desapparecido; os insultadores da nossa soberania, os recusadores do nosso *ultimatum*, os antagonistas do nosso nome, os calcadores da nossa bandeira, já não dictavam a lei. Um novo presidente, Villalba, embora *blanco*, porém não exaltado e nem systematicamente hostil ao Imperio, representava uma completa revolução pacifica dentro da praça. Esse homem significava, não mais o odio implacavel, o despreso de todo o direito e justiça, a selvajeria, mas antes uma situação, senão diametralmente opposta, totalmente diversa.

Quem queriam pois que sepultassemos sob as ruinas da capital da republica? Sobre quem recahiriam as nossas vinganças? Os Montevideanos, Aguirre & C., haviam desapparecido da scena, e já se achavam homisiados em navios estrangeiros. Os Montevideanos, Villalba e os seus, sem titulos a nossos rancores, pediam a paz. Os Montevideanos, Flores e seu exercito eram nossos companheiros de armas, amigos e alliados. Quaes eram, pois, em taes circumstancias, os Montevideanos que o bombardeamento ia, com justiça, castigar? Não os havia. Seria um acto vandalico, proprio de Paraguayos, nunca de Brazileiros.

Cremos, portanto, que á gloria do resultado obtido cumpre juntar a mais formosa ainda de uma victoria sem combate, de

um triumpho sem sangue, de um resultado brilhantissimo sem destruição de vidas e cidades, de jubilos em lagrimas, de ramos de oliveira enfeixados com palmas.

XIV

Afim de bem podermos aquilatar o valor de algumas outras censuras que ahi se balbuciam, é mister esclarecer como questão prévia um ponto importantissimo. A refutação dessas descabidas censuras está na decisão deste assumpto, que não vemos inconveniente em ser debatido com franqueza. Do principio se deduzirão logicamente as consequencias.

O estrangeiro que vir recebida na ponta das bayonetas uma solução tão honrosa, perguntará naturalmente: « *Então, que mais querieis vós?* » E em torno desta pergunta se gruparíam as seguintes considerações, que os interrogantes segredariam a si mesmos:

« Basta uma simples inspecção do mappa-mundi para reconhecer que os limites maritimos naturaes do gigante brazilico são o Amazonas e o Prata. Toda a divisão de territorio que não assentar sobre esta base será artificial, ephemera. E' politica tradiccional e secular, sempre affagada e praticada pelo governo portuguez quando governou o Brazil, dar-lhe essas divisas. A Independencia veio achar a actual Republica incorporada no Brazil, sob a designação de provincia cisplatina. Formou esta já parte do Imperio, sendo regida por suas leis e autoridade, e chegando a ver os seus deputados no Rio de Janeiro, com assento na representação nacional.

« O Brazil perdeu depois essa provincia; e comquanto contribuisse para ser elevada á cathegoria soberana, vio sempre com máus olhos uma separação desnatural. E, pois corrente que a sua politica, patente ou secreta, promova a reincorporação. Se o Imperio a não alcançar por outra fórma, aproveitará qualquer pretexto, e recorrerá á conquista. »

E é sob o peso de tão graves apprehensões, que rebentará a tal pergunta ao Imperio descontente: « Então que mais querieis vós? »

Não! Cumpre dizêl-o bem alto, não queriamos a conquista de Montevidéo, não a queremos, não nos conviria; longe de nos dar força, enfraquecer-nos-hia.

E' acaso de mais territorio que precisa o segundo Imperio do mundo em dimensões? Aquelle que em superficie abrange espaço igual á Europa inteira, menos as Ilhas Britannicas! Aquelle que, aliás abençoado pela uberdade, conta apenas 8 a 10 milhões n'um solo igual ao que na exhausta Europa sustenta 300 milhões de homens? Aspirem a essas annexações povos de escassas fronteiras; não as precisa o Brazil.

Não são só as divisas naturaes que separam os Estados independentes, raros são na Europa os que se acham divididos por oceano, cadêas de montanhas, ou curso de rios; nós mesmos somos abraçados por uma serie de republicas de origem hespanhola, e com limites quasi todos convencionaes. Não colhe, pois, o argumento dos terroristas estrangeiros.

Todo o Brazil é de origem portugueza; a mesma lingua é fallada desde a fronteira da Tabatinga até o Chuy. Somos todos a mesma familia; todos nos entendemos e nos queremos, e não convém á nossa amiga sociedade *Estados Unidos*, com germen de ulterior desunião.

Os usos e costumes das duas raças são diversissimos; a fusão sincera fôra uma utopia.

Amamos cordialmente a instituição monarchica, emquanto os Montevideanos foram educados, em já quasi duas gerações, com as fórmas republicanas, e um systema de caudilhagem, que de modo nenhum quereriamos introduzir em nossos habitos, por melhor que elle seja.

Por estas e outras considerações, repellimos como funesta a nossos interesses a calumniosa idéa de conquista. Queremos excellentes relações de paz e boa visinhança com a Republica Oriental, e nada mais; cada um em sua casa.

Quanto aos factos, fomos nós que contribuimos para a independencia desse Estado; nós a garantimos por tratados; nós, como bons visinhos, o temos auxiliado em grandes crises; nós o libertámos de inimigos crueis, nós temos vasado no Uruguay o nosso erario, e nunca pedimos, em tão largos annos, a minima parcella da sua autonomia.

Se tão graves considerações não bastassem, actuar-nos-hia o desejo de viver na melhor harmonia com uma quantidade de Estados contiguos, e que, regidos todos por iguaes instituições, originarios da mesma raça, usando identico idioma, veriam com repugnancia semelhante conquista.

Além disso, não fomos nós sós que garantimos a independencia do Estado Oriental, outras e poderosas nações nos acompanharam, e a fé dos tratados é cousa sagrada.

E', portanto, evidente que nós não queriamos a conquista de Montevidéo, porque nôl-a inhibiam a nossa politica, os nossos compromissos, as nossas conveniencias e o nosso brio nacional.

XV

E porque importa argumentar sempre com lealdade, confessemos que neste ponto os gabinetes brazileiros, inspirados aliás certamente n'uma alta sabedoria, tem sido sempre explicitos em suas declarações e em seus actos. O Brazil tem bra-

dado até á saciedade, que a independencia do Estado Oriental ha de ser respeitada pelos outros e por elle.

Querendo ser justos, diremos até que talvez a attitude especial que o nosso governo fez assumir ao Brazil na guerra que ora findou, proviesse do ardente desejo de patentear ao mundo a rectidão de suas vistas, não conspurcadas por pensamento algum reservado de annexação.

Não foi porque o Brazil precisasse coadjuvação para a empreza que encetava, mas sim para dar um novo penhor de suas leaes intenções, que não duvidou tomar por alliado o general Flores, que, á testa do seu exercito libertador, occupava grande parte do territorio. Quem podia crer em projectos de conquista de Montevidéo, tomando-se por auxiliar um general e um exercito de Montevidéo?

Desde que, porém, se deu este importante facto, a situação revestia não menos um caracter peculiar. Nós iamos, sem plano de conquista, entrar em territorio alheio, onde funccionavam dous exercitos e dous governos, hostis um ao outro: unimo-nos a um desses governos e exercitos; desde esse dia era-nos defeso considerarmo-nos em hostilidade com a nação oriental. Para nós, o governo recto, justo, real, de facto, era o de Flores, representante da Republica; se este era o nosso alliado, não menos o era a Republica, e nós não podiamos humilhar a esta, nem inaugurar no dia da victoria uma politica antipoda da que até então haviamos seguido.

XVI

Do que antecede suavemente se deduz a resposta á outra das mais repetidas censuras.

Dizem: « O Brazil andou sempre na segunda plana e a *reboque* do general Flores. O Sr. conselheiro Paranhos comprometteu os brios nacionaes, consentindo que o accordo de 20 de Fevereiro fosse tomado entre os Srs. Flores e Villalba, e só depois approvado pelo plenipotenciario brazileiro. »

Lendo todas as noticias do Prata, nunca vimos tal *reboque* nem cousa que com isso se assemelhe. Harmonia, fraternidade, isso houve constantemente, como convinha para o intuito commum: mas nem sombras de segundas nem primeiras planas.

Além disto, note-se bem, essa politica não foi iniciada pelo Sr. Paranhos, nem mesmo executada no seu tempo em escala tão larga, como anteriormonte. Estava, sem duvida, nas mais peremptorias instrucções do governo. Ninguem accusará de subserviente ao Sr. visconde de Tamandaré: pois bem; não se terá apagado da memoria o modo attenciosissimo e respeitosissimo como, por occasião do *Salto*, S. Exc. se dirigio ao ge-

neral Flores, reconhecendo-o como o legitimo representante da Republica; dando-lhe satisfações, e offerecendo até saudações á bandeira oriental.

A missão Paranhos, a esse tempo, *nondum nata erat.*

Quem pois quizer sustentar aquella reprehensão, não a dirija ao conselheiro Paranhos: tome outra direcção, talvez superior e anterior. Essa politica boa ou má (boa dizemos) não a creou, recebeu-a já feita; era ponto cardial das suas instrucções: tinha de o respeitar.

Nestes termos, chegado o dia da capitulação, como era humanamente possivel adoptar tramites diversos dos que se empregaram?

As negociações de paz foram originariamente propostas pelo Sr. Villalba aos Srs. Paranhos e Flores. Seguindo-se um pactuado armisticio, as conferencias verificaram-se, na villa da União, entre o plenipotenciario do Sr. Villalba (Sr. Herreray Obes), e os Srs. Paranhos e Flores. Por conseguinte está visto que o Sr. Paranhos tomou constantemente parte em todo o processo, desde o principio até seu termo, e que todas as clausulas foram com elle estipuladas.

Estas porém eram necessariamente de duas naturezas, umas referentes ás questões internas do Estado Oriental, outras ás de interesse brazileiro.

Se o accordo, segundo a exigencia dos alliados, levava desde logo á presidencia do governo o general Flores, com um ou mais secretarios de estado, livremente escolhidos pelo mesmo general e demissiveis *ad nutum*, que tinha mais o Brazil que fazer caso de promessas exigiveis a quem as não poderia mais cumprir?

Porque iria o Sr. Paranhos ao *jube domna* do Sr. Villalba?

Todo o interesse do Brazil é que se satisfaçam as suas justas exigencias, actos que só podem ser futuros. Quem superintende o futuro da Republica é o general Flores. Este espontaneamente, nas suas notas de 28 e 31 de Janeiro, formalmente ratificadas pelo accordo, do qual formam parte integrante, deu ao Brazil todas as satisfações, e fez as solemnes promessas que se queriam; está tudo bem concluido, e da fórma mais regular.

O Sr. Paranhos não podia reconhecer, a um tempo, dous governos da mesma nação; a respeito de compromissos só podia tratar com o seu alliado, sem dever consentir em pear-se com quaesquer restricções que o Sr. Villalba se lembrasse de lhe suscitar. Não tinha satisfações que dar-lhe. Não tinha que tratar com um governo decahido. Foi acto de alta politica não intervir ahi, como parte contratante, porque isso até rebaixaria a nossa posição.

Do proprio protocolo se colhe que o agente do Sr. Villalba

reconhecera que competindo ao novo governo levar a effeito o compromisso contido nas notas, trocadas com o Sr. Paranhos, não podia isto offerecer a menor difficuldade.

Muito mais elevada é portanto a situação em que nos collocou o accordo. Alcançamos quanto quizemos com elle, por meio da ratificação das notas, e exigimos as satisfações de quem ficava habilitado a dar-no-las.

Esta fórma, cautelosa e delicada, teve certamente ainda outra nobre e politica intenção, se nos não enganamos, e é a seguinte : Em toda a parte, quando se dão casos analogos, os inimigos da nova ordem de cousas, embora triumphante, procuram lançar o odioso sobre os homens que venceram coadjuvados por armas estrangeiras ; e d'ahi se seguem ciumes de perigoso alcance. (A quéda dos Bourbons não teve por ultima causa senão a reacção contra as invasões dos alliados). Sabe-se que a imprensa de Aguirre usava largamente deste ariête contra a reputação do general Flores, a quem alcunhava de Coriolano, de traidor á sua patria, de tenente do Brazil. Nada ha nisto que devesse lisongear o nosso amor proprio nacional, e ha muito ahi que nos devesse contrariar. Tudo isso seriam elementos de fraqueza para o novo presidente, e ao Brazil importa, agora mais que nunca, ter em Montevidéo um presidente amigo, justo e forte.

Se, correndo após uma fantastica gloriola, apparecessemos como dictando, no accordo, as disposições sobre regimen interno da Republica, commetteriamos tres erros : — ostentariamos estultamente a nossa intervenção nos objectos de politica interna de outro povo — acarretariamos sobre nós, sem compensação alguma, animadversões em que não precisamos ter parte — fariamos o dizer adverso verdadeiro, enfraquecendo o general Flores, de quem só temos que exigir o cumprimento das promessas a nós feitas, sem nos embaraçarmos com as questões de regimen interno de um paiz independente.

Affigura-se-nos dest'arte evidenciado que o accordo de 20 de Fevereiro, excellente na essencia, não menos merece approvação pela fórma, que foi a mais conveniente, a mais politica, a mais apropriada.

XVII

Como additamento ao que precede, cumpre recordar que a politica de considerar o general Flores como belligerante, como general chefe do exercito libertador, como potencia, é do governo imperial, e data de prazo muito anterior á partida do Sr. Paranhos ; e tambem ahi portanto, se o governo quizer fustigar, fustigue-se a si mesmo.

Não está varrida das memorias a segunda variante da missão do Sr. conselheiro Saraiva. A intervenção diplomatica, em que este cavalheiro figurou, deu ao general Flores as honras de belligerante, reconhecido, respeitado como tal, e que vê representantes de poderosas acções irem tratar com elle á sua tenda de campanha.

Se já o governo o considerava assim, quando entre esse homem, e o Brazil não havia estipulação alguma, que será hoje, quando aos mesmos titulos juntou os de alliado, de victorioso e de presidente ? !

Foi, portanto, o espirito das instrucções ministeriaes que originou a fórma, ora tão injustamente aggredida.

XVIII

Outra censura que por ahi anda feita com azedume, é a que transcreveremos do artigo que mais vehementemente a formulou. Diz elle :

« E' o Brazil quem, com seu proprio punho, reconhece e confirma as patentes até então expedidas, isto é, quem consagra com sua intervenção as recompensas conferidas a Munoz, a Moniz, a Apparicio, esses salteadores descarados que ainda a esta hora nas fronteiras do Rio Grande roubam, incendiam e devastam fazendas, sublevam a população escrava, castram e mutilam os Brazileiros sorprendidos ou vencidos e finalmente assassinam cidadãos inermes, violando aos olhos dos pais e dos esposos as mulheres e as filhas dos Brazileiros. »

Não quizemos traduzir em nossa phrase chã, esse trecho ardente e sentido que a indignação patriotica vibrou de labios eloquentes. Fazemos côro com as palavras de horror, lançadas como stygma indelevel sobre perversos, no tocante á qualificação dos actos denunciados.

Mas, quando o illustre escriptor houvesse, mais de animo assente, estudado os fundamentos da sua increpação, persuadimo-nos que haverá reconhecido provir ella de uma leitura superficial dos documentos.

Após a amnistia do art. 1º do convenio, eis como se expressa o segundo :

« São exceptuados assim os crimes e delictos communs, como os politicos, que possam estar sujeitos á jurisdicção dos tribunaes de justiça, por seu caracter especial :

Pois os homens que praticaram os actos relatados recebem por aquelle artigo indulto algum ? Pois esses adquirem confirmação das recompensas conferidas ?

Pois não é crime e delicto commum ser descarado salteador ?

Pois não estão sujeitos á jurisdicção dos tribunaes de justiça os que roubam, incendiam e devastam fazendas?

Pois não são crimes de caracter especialissimo o castrar e mutilar homens, assassinal-os, violar mulheres casadas e donzellas?

Oh, não! Confiamos tanto na boa fé do accusador que o suppomos capaz de retirar a sua violenta exprobração. Acaso os odios partidarios cegarão a ponto de negar-se ao Sr. conselheiro Paranhos os fóros do mais honesto cidadão, circumspecto, previdente? Não se vê manifestamente nesse art. 2º o *Mane*, *Thecel*, *Phares*, que vaticina a sorte desses hediondos Balthazares? Nós ainda não posssuimos senão poucos dos documentos; é impossivel que o Sr. Paranhos não obtivesse a certeza de que a tremenda disposição daquelle artigo ha de necessariamente ser applicada a taes monstros, e de um modo inexoravel.

Acaso se quereria que, n'um accordo desta ordem, se descesse a nomes proprios? que se fizesse aos Munhozes e Apparicios a honra de os indicar nominalmente legislando ao mesmo tempo sobre a penalidade que tivesse de lhes ser imposta? Absurdo! A unica fórma aceitavel era proceder, como se fez: estabelecer a excepção, que abrange todos os crimes de natureza excepcional, como são esses denunciados, crimes que serão severamente castigados, como o determina, não só o accordo, mas a nota de 28 de Janeiro, a qual reza assim:

« — Os autores e cumplices notorios de delictos commettidos contra as pessoas de subditos brazileiros, residentes em meu paiz, serão punidos com toda a severidade das leis da Republica, sendo destituidos immediatamente, e sem prejuizo dos respectivos processos criminaes, os que ainda exercem cargos publicos. »

Caduca, portanto, e pela base, a grave accusação. Os salteadores, de que se trata, longe de galardoados, são formalmente exceptuados da amnistia para serem rigorosamente entregues á toda a vindicta das leis.

Se assim foi estipulado, esperamos que o facto cedo virá converter as promessas em realidades. Todos os primeiros actos do general Flores revelam a efficacia com que se está applicando a dar provas da sua lealdade e do seu affecto e gratidão ao Brazil. Elle bem sabe que para nós são questões em que todos estamos de atalaia aquellas que prendem com o pundonor nacional. A satisfação ha de na pratica ser plena, como formalmente se acha prevenida nas clausulas da nota e do accordo.

Ainda neste assumpto, foi o conselheiro Paranhos tão cauto como em quantos prendiam com os omnimodos interesses publicos.

XIX

Houve, sem duvida, uma amnistia, concedida ás turbas envolvidas nos acontecimentos, a qual não comprehende, como dito fica, os delinquentes excepcionaes. E surgio voz brazileira que, por semelhante motivo, abocanhasse o convenio!

Costuma ser apontada como prova da contraposição na indole das duas raças, a circumstancia de que, em casos como estes, os descendentes de sangue hespanhol mandam espingardear provisoriamente os prisioneiros, emquanto os descendentes de sangue portuguez estendem, no proprio campo da batalha, a mão ao vencido; o dia seguinte é o do indulto; o immediato da apotheose.

Fique, pois, consignado em pagina côr de rosa dos factos da civilisação americana, que a primeira vez em que um general victorioso em republicas de lingua hespanhola, subio ao poder, após annos de lutas, sendo o seu primeiro acto todo o possivel esquecimento das passadas offensas, foi quando, hombro a hombro com os Brazileiros, esse general combatia contra inimigo commum; foi quando finalmente um diplomata, da tempera do Sr. conselheiro Paranhos, assignava ao mesmo tempo esse documento honrosissimo, e que por si só revela um grande progresso nas idéas de tolerancia, liberdade e philantropia, tão proprias da éra em que vivemos.

Pois Brazileiros condemnam amnistias? Perguntem o que a tal respeito pensa o supremo magistrado da nação, esse que ainda não houve uma só tentativa culposa contra o throno, a sociedade, a ordem publica, tentativa por mais louca que fosse, que a não cobrisse sem detença o manto da soberana clemencia. E o paiz lh'o agradece, lh'o applaude sempre; é um sentimento congenito com o coração brazileiro.

E note-se como a malevolencia apaixonada sabe distribuir justiça recta! Ainda hontem, panegyricos ao nobre visconde de Tamandaré, por ter dado liberdade sem condições a centos de prisioneiros em Paysandú; hoje arguições ao Sr. conselheiro Paranhos, por ter consentido uma amnistia, em favor de secundarios, e com restricções. Com os homens soltos em Paysandú iam ser engrossadas as fileiras do inimigo, e augmentados os riscos dos nossos; com os amnistiados em Montevidéo, nenhum perigo desses existe, visto que a guerra acabou. Os prisioneiros em Paysandú, bem podia ser politico e militar retel-os; os implicados de Montevidéo é politico deixal-os incolumes, para que, conhecendo as vantagens de um regimen paternal, se lhe dediquem. Em Paysandú, os soltos tinham vasado catadupas de sangue brazileiro; em Montevidéo, não se tinha disparado um tiro. Não pretendemos

com isto atacar nem defender o facto de Paysandú ; só temos em vista apontar a contradicção dos injustos julgadores.

E' forçoso tambem notar em que circumstancias se deu este accordo de 20 de Fevereiro. Claro está que uma cidade que, tendo meios de defeza, abre as portas ao inimigo sem disparar um tiro, tem juz, segundo as leis da guerra, a considerações mui outras, do que quando é tomada por sitiadores, após luta encarniçada. Teriamos vencido, se houvesse combate, mas essa victoria nos houvera custado muitos sacrificios e precioso sangue dos nossos tambem. Não era possivel condemnar uma cidade em peso, quando, podendo mais ou menos defender-se algum tempo, se entregava confiadamente ás forças sitiantes. Uma amnistia era, em taes circumstancias, irrecusavel.

E se ella não fosse dada, acaso julgam que os cabeças da desordem seriam victimas das perseguições? Esses, desde que Villalba subio ao poder, comprehenderam a sua sorte, e buscavam asylos impenetraveis. Procedimentos que deixando illesos os Aguirres, Carreras, Sáas, Juanicós, e semelhantes, só ferissem agentes de terceira ordem, seriam flagrante injustiça relativa.

Deve mais considerar-se, por parte do general Flores, que o seu pensamento parece ser a extincção de antigas dissensões, e o trabalho em commum para cicatrisar as feridas causadas por tantas e tão improductivas revoluções. Elle aspira a melhoramentos permanentes, e não a popularidades partidarias de um dia. Quer ser, não caudilho de uma facção, mas presidente do seu Estado. Não ha para isso mais habil meio que a amnistia.

Por nossa parte, é ella um axioma de proceder : o Brazileiro não dá em homem cahido. Honram as columnas do *Correio Mercantil* estas curtas palavras do seu numero de hontem : « Entre os passageiros do *Mersey*, que seguem para a Europa, vem dous tristemente celebres, Juan, Sáa e Nin Reys. A colera dos Brazileiros não se póde dirigir contra elles ; cahiram. Baste-lhes o remorso dos males que causaram a seu paiz. »

Eis ahi a nobre linguagem que todos comprehendemos. Eis a eloquente resposta á censura pela amnistia.

XX

Ouçamos outra censura frequentemente repetida : dizem que o accordo trahio os nossos brios em não ter consagrado um artigo a punir os ebrios que n'uma bacchanal em Montevidéo calcaram aos pés nossa bandeira.

Temos esta accusação por uma puerilidade. E, para que se não adulterem nossas intenções, cumpre começar decla-

rando que a bandeira, o symbolo da nacionalidade, é objecto de veneração, de respeito quasi religioso.

Já outros o disseram: liga-se à bandeira a honra do corpo que a possue. Não só se converte para elle n'um signal de união, mas n'um thesouro, cuja guarda devem defender como dragões das Hesperides. E' o palladio antigo, origem e penhor da victoria. Regimento que em batalha perde a bandeira fica desairado; para merecer outra tem de tomal-a ao inimigo, ou provar por um estrondoso feito d'armas, ter essa perda provindo, não de fraqueza, mas de alguma circumstancia desgraçada. Capitães ha que se não contentam com uma só reparação. Nos campos d'Austerlitz, Napoleão, após uma brilhante victoria, passava revista ao seu exercito; só um regimento estava sem bandeira: « *Soldados do quarto* (estrondeia então o general com voz de Stentor), *soldados do quarto, que fizestes da aguia que vos dei?* » Approximou-se o coronel, e sem abrir a bocca apresentou seis bandeiras, arrebatadas a Russos e Austriacos: « *Prova isso que não fostes cobardes* (retorquio o vencedor d'Austerlitz), *mas é possivel que fosseis imprudentes. Essas seis bandeiras não me restituem a minha aguia.* » Na seguinte batalha, o valente regimento se fazia dizimar para conquistar nova bandeira. Uma das obras primas da arte oratoria é o admiravel discurso de Massillon, por occasião da benção das bandeiras do regimento de Catinot. Sim, a bandeira de uma nação é o seu orgulho, a sua gloria, a sua honra.

Estamos, pois, concordes no culto da bandeira nacional.

Mas cautela! Por isso mesmo que a causa é santa, que a sua representação lhe dá uma importancia nacional e symbolica, importa que se não prostitua. Taes symbolos não tem valor senão postos nos seus lugares.

A corôa, que na cabeça de um rei significa a soberania, na de um actor representa comedia.

A espada, que na mão de um general em batalha aponta a gloria, na de um alfageme quer dizer um instrumento para limpar.

Se é licita a comparação, a hostia, que, convertida em corpo, alma e divindade de Christo, vê prostrados todos os fieis, não é mais, antes da consagração, que uma delgada roda de massa de pão ázymo.

Bem podemos, pois, dizer que uma bandeira é o mais illustre dos symbolos, ou o mais indifferente dos trapos.

Foi trapo, e não bandeira, o que em Montevidéo calcaram. Bem sabiam os impostores que, se a sua comedia fosse conhecida, ficaria sem valor de especie alguma. Para darem alguma seriedade ao acto burlesco, mentiram vilmente, dizendo que iam calcar uma bandeira brazileira arrancada ás

trincheiras do Jaguarão! dessa heroica cidade, onde o nosso pavilhão fluctuou sempre honrado e defendido dos cannibaes pelos braços e peitos dos valorosos habitantes.

Chrismaram em bandeira um lenço de assoar, ou outro farrapo, tirado da loja de algum adelo montevideano; fizeram com a rodilha o que lhes aprouve. Incapazes, como logo depois mostraram sêl-o, de se medirem com as bandeiras das nossas legiões, puzeram-se a roncar e bravatear com um pobre pedaço de panno: um de seus avós, o poderoso fidalgo D. Quixote de la Mancha, tambem batalhava com moinhos; a unica differença está em que D. Quixote cuidava, em sua loucura, que os moinhos eram soldados, emquanto cá estes netos sabiam, em sua esperteza, que a alcunhada bandeira era um trapo inoffensivo.

Esta distincção é axiomatica. Ainda ha poucos mezes, por occasião do attentado do *Florida*, nas aguas da Bahia, toda a imprensa repetio que a bandeira americana havia sido arrastada pelas ruas, Em presença do grande facto de que se tratava, nem em tal fallou aqui em sua nota o enviado dos Estados Unidos, e nem tão pouco fallou em tal o governo de Washington, que, segundo os nossos censores, devera ver *casus belli* n'uma circumstancia de que aquella nação nem caso fez, apezar de se revestir aquelle acto de circumstancias muito mais aggravantes.

E, já que os factos convencem mais que argumentos, lembraremos que em Paysandú, segundo as folhas narraram, grandes insultos foram feitos á nossa bandeira, a qual não menos servia de tapête para a casa de jantar dos officiaes de Leandro Gomez. E, todavia, o Sr. visconde de Tamandaré, tendo em sua mão como prisioneiros os que assim a haviam tratado, não lhes impoz por isso pena alguma, antes os deixou plenamente livres.

Eis-ahi, pois, outra formosa justiça relativa! A falsamente denominada bandeira armillar recebeu iguaes offensas de montevideanos em Paysandú e Montevidéo, e depois dessas offensas: — hosannas ao Sr. visconde de Tamandaré, que dellas não fez caso, e deixou soltos aos que tinha prisioneiros, — maldições ao Sr. conselheiro Paranhos, que dellas não fez caso, e deixou soltos.... aos que nem estavam em nosso poder, mas sim já asylados. *E sempre bene!*

Duas palavras mais. Qual foi jamais o forte que ligou a minima importancia a estas demonstrações.... da fraqueza? Os taes Carreras, Susvielas, Lamas e outros *ejusdem furfuris* (talvez *furfuris* do nome do ultimo), melhor que ninguem conheciam o desesperado da sua causa. Sabiam ser-lhes impossivel a luta, e mais impossivel a victoria; invadir esta convicção todos os animos; ser preciso galvanisar o cadaver da

resistencia; consistir essa galvanisação em esforços delirantes, em estultas exaltações, em artificiaes ostentações de uma força.... de pulmão. Eis a significação das chammas consumindo tratados, das patas calcando trapos. Se virdes, por alta noite, em estrada deserta, um viandante cantando muito, reparai-lhe na voz; treme, essas cantigas são distracções do proprio terror, e mais do que isso, alarde para pôr susto ao ladrão; o cantor vai tranzido de medo. O mesmo eram as cantigas dos Lamas; suprema vergonha seria prestar-lhes attenção; tem o coração muito ao pé da bocca, quem se lembra de pedir satisfações especiaes por actos despresiveis, que aliás não poderiam já ser dadas por aquelles que as praticaram.

A satisfação digna, grandiosa, nacional, que abrange, se quizerem, esse e todos os excessos contra o nosso nome, foi nobremente dada, quando o forte de S. José salvava com 21 tiros a real bandeira do Brazil.

XXI

E venham agora cá os ardentes censores. Digam-nos, á puridade, o que exigiam que o Sr. Paranhos intercalasse nesse documento tão sério, ainda fechando olhos á contradicção com o pensamento da nova ordem pacifica que se pretendia inaugurar?

Ao passo que nós, entrangeiros no paiz, convidavamos o general Flores a esquecer as mil injurias que lhe haviam sido feitas por inimigos pessoaes, os quaes haviam posto sua cabeça a preço, e que durante dous annos o tinham nominalmente perseguido, por todas as fórmas imaginaveis, iriamos exigir para nós uma doutrina opposta, tornando questão de vida ou morte o castigo exemplar dos calcadores do lenço de seda do adélo de Montevidéo?

Bello! Já sabemos. E' um artigo da capitulação. Nesse artigo, em vez de bases genericas, lêmos, com uma propriedade inaudita, um catalogo de nomes, a quem aliás damos a grande honra, sem precedente civilisado, de figurarem n'um accordo internacional. Mas esse artigo é mais que ocioso, é inexequivel: ordena que a republica puna homens que não estão no poder da republica. Emfim, *de minimis non curat prætor;* vamos adiante; e o que dissermos daquelles culpados applique-se aos officiaes de Paysandú, que, faltando á sua palavra, foram engrossar as fileiras de Montevidéo.

Temos o tal *Flos diabolorum.* Temos de castigal-os... no papel. Querer-se-hia a punição das leis ordinarias? Não, que essa lá está prescripta, na generalidade, pelo art. 2º do accordo. Então, queria crear-se um codigo penal *ad hoc;*

promulgar umas leis com effeito retroactivo, e só applicaveis a uma hypothese já consummada. Preciosos jurisconsultos!

Emquanto estamos em tão bom caminho, vejamos o que havemos de fazer aos donos daquellas prendas? Como são estes os tempos de liberdades, certa casta, imitaremos os liberaes Marios e Syllas? os Antonios, Lepidos e Octavios? imitaremos essas outras listas de proscrisptos? Decretaremos as proscripções dos Armagnaes, do San Bartholomeu, das Dragonnadas?

Mataremos os homens que pisaram o lenço, depois de termos soltado os que em Paysandú nos assassinaram?

A não os condemnarmos ao supplicio, será á deportação? Deportados estão elles todos, e se algum ficou em Montevidéo estará soffrendo peior pena que a deportação.

Querel-os-hiamos presos? Para que, e onde? Em fortalezas brazileiras, praticando um acto violento e inutil, acto a que a clemencia imperial immediatamente poria termo? Exigiriamos do general Flores que em seus ferros conservasse os ebrios de uma orgia, quando amnistiava os criminosos de lesa patria?

Não, ainda uma vez. Por todos os lados que a questão se encare, nobremente andou o Sr. Paranhos não consentindo que um titulo de reconciliação e de paz se sujasse com uma insana lista de proscriptos, que aliás zombariam da proscripção.

XXII

Já ouvimos tambem que o Sr. conselheiro Paranhos fôra imprevidente em não exigir do general Flores mais garantias do que a sua palavra.

E esta arguição é das que certa gente repete muito, com acompanhamento obrigado de insultos ao nosso alliado, dizendo que tanto vale elle como os outros, que dentro em pouco, já se crendo seguro; fará o mesmo que os Aguirres, e uma sequencia de affirmativas identicas, que nos abstemos de reproduzir, pois praticamente todas ellas se cifram na tal *exigencia de mais garantias*.

Mas que são essas outras garantias? Em taes circumstancias, não as conhecemos. Queriam acaso que ao nosso companheiro e alliado requeressemos alguma cidade, alguma parte do territorio, algum penhor semelhante, que autorisasse os assacadores de planos de conquista a exultar com essa que chamariam realisação do nosso *desiderandum*?

Outras garantias, nem as concebemos, e fôra o supra summum das inconveniencias exigil-as.

Por garantia temos o que basta: a palavra do nosso alliado; o cumprimento de um accordo, com força de tratado; a honra

de um Estado amigo; a lealdade do homem que ajudámos a subir á cadeira da presidencia; o interesse desse homem e dessa republica; a prova provada do que podemos ;.... e, se por desgraça viesse a ser necessario, a estrada bem aprendida pelos nossos soldados.

Não ha mais garantias a exigir. Estas nos bastam a nós, e nós bastamos a ellas.

XXIII

Cremos ter dissecado o assumpto até suas ultimas fibras. Quantas censuras temos lido ou ouvido, ahi ficam todas aquilatadas. E no entanto importa notar que para apreciação dos factos apenas temos os poucos elementos que acompanharam a primeira noticia da entrega de Montevidéo. Certos estamos de que isto, que já hoje é evidencia, offuscará os olhos com o seu brilho quando forem conhecidos novos documentos e successos, e quando tudo fôr historiado pela penna em todos os sentidos competente, pela palavra em todos os sentidos victoriosa do Sr. conselheiro Paranhos, cujo nome, agora mais que nunca, se perpetuará em nossos fastos, quando seculos depois que a lousa do olvido tiver coberto o de seus perseguidores (errata, invejosos)

XXIV

Não é dado a todos primar, a um tempo, como guerreiros e politicos. Espada e penna nem sempre podem ser manejadas pelo mesmo braço. Nem todos tem, como o épico

Para servir-vos, braço ás armas feito,
Para cantar-vos, mente ás musas dada.

Tractent fabrilia fabri. A alta politica de uma nação é sciencia muito elevada, e que os profanos não estão habilitados a dirigir. Ai do paiz, se os seus destinos entrarem assim, de degráo em degráo, a descer a grandes profundezas. Os erros já não tem sido poucos, nem leves. A fortuna pode cansar. E' tempo de abrir olhos.

O assumpto é incandescente; pizemos nelle como sobre brazas. Avante!

XXV

Seja, porém, dito, em honra do nobre sentimento de gratidão nacional; só meia duzia de vozes nesta cidade se lembraram de condemnar o Sr. conselheiro Paranhos pelo formoso serviço prestado ao paiz. As noticias de toda a parte, aonde chegou a do accordo do dia 20 de Fevereiro, são una-

nimes em relatar o intenso jubilo com que a nação recebeu semelhante desenlace, e a convicção della de que os interesses materiaes e moraes do paiz ficaram triumphantes. E' que o instincto do povo, quando não desvairado pelas paixões, ou por odios partidarios, é sempre recto e justo. O povo por si só não é ingrato ; só figura como tal quando o pervertem.

Qual é no Imperio a provincia que na questão oriental deve ter voto preponderante ? Incontestavelmente a de S. Pedro do Rio Grande, cujos habitantes são visinhos de Montevidéo, cujos interesses se entrelaçam com os da republica, cujos sentimentos são altamente pondonorosos, cujos braços estão todos armados, cuja iniciativa induzio o governo á guerra, cujos cidadãos,tanto na offensiva como na defensiva, se tem immortalisado, cujos recursos bellicos são abundantissimos, cuja provada ambição é que não levantemos mão da empreza senão com gloria.

Pois bem ; ahi está echoando agora mesmo na imprensa o julgamento dessa provincia. A narração que lêmos dos festejos, na cidade do Rio Grande, começa por estas palavras : « Ainda não presenciámos tanto e tão espontaneo regosijo publico como o que tivemos nestes ultimos tres dias nesta cidade, com a noticia da entrega da cidade de Montevidéo ás nossas armas ! E' uma cousa que não se póde descrever. »

Segue depois a narrativa das agglomerações do povo, das bandas de musica, vivas, foguetes, bandeiras, archotes, illuminação geral, festa no theatro, improvisos, hymnos, repiques de sinos, salvas de 21 tiros, Te-Deums, cortejos á effigie, etc. etc. Na formosa decoração da igreja do Carmo, onde se celebrou o *Te-Deum*, vemos que no primeiro dos quatro tocheiros, abaixo do arco, se achava escripto o grande nome *Paranhos*.

Quem recebe manifestações taes dos mais competentes dos seus compatriotas bem póde dispensar os prolfaças de emulos.

XXVI

Está bem. Demittiram o plenipotenciario feliz e habil ; era facil tarefa, e já ficamos sabendo até onde sobem as habilitações do illustre ministro que referendou o decreto.

Mas o *depois* ? O fatal *depois*, em que tantas situações se tem afundado ?

Urge cada vez mais, cada dia, cada hora, cada instante, que se dê um successor ao *reprobo*. Com um governo destes, consideramos isso impossivel ; e, se outro ministerio surgir, como é provavel, o seu primeiro acto deverá ser apagar tamanho erro, ainda em risco de ouvir ao offendido que para lição já basta.

E' impraticavel, dizemos, que este governo ache quem o queira servir em semelhante cargo.

Ha sim, por ahi, muita nullidade fluctuante, ou (como diz o povo) muito páo para toda a colher, muita massa de Icaro, muito Phaetonte-meirim. Mas a situação é demasiado grave para semelhantes brinquedos; a nação está cansada de *experimenta in anima vili*. Essa caterva de nomes que por ahi se proferem com o sorriso nos labios, nomes para os quaes, na triste quadra que atravessamos, vemos probabilidades, significariam uma calamidade, um ludibrio, um grandissimo e variadissimo perigo. E o peior é que em alguns tão cega parece a ambição que talvez fechassem olhos para não medir a incommensuravel distancia que os separa da delicada missão de que se trata.

Ousará o governo lembrar-se de homem sério, de posição condigna, de patriotismo illustrado, de habilitações demonstradas, de probidade inconcussa, de conhecimentos especiaes, de vontade e poder? Esse rejeitará a proposta com desdém; esse responderá: — « Um servidor illustre da nação não aceita um cargo d'onde o despeçam como um lacaio, Um homem de honra não se arrisca a manchar uma inteira vida, deixando-se condemnar sem sentença, nem processo. Um homem de illustração não quer subordinar-se a quem lhe fique muito inferior. Um homem amante do seu paiz não consente em que myopes destruam os actos que elle praticar com vista clara. Um homem de vontade energica e recta não se sujeita a ver annullar ou estygmatisar os seus actos. Um homem que se preza não se senta em cadeira arrancada ao conselheiro Paranhos.

XXVII

Não pezaram estes governantes as graves consequencias de um tão desastrado acto; e podem ser lastimosas.

A demissão do Sr. Paranhos, por não ter obtido quanto se queria, admitte interpretações. Infelizmente a maioria da imprensa na Europa e na America não nos é favoravel, e ver-se-ha como esse thema ha de ser aproveitado.

Em toda a parte activa dos successos destes mezes, o general Flores conviveu com o Sr. Paranhos, e se acostumou a consideral-o como o representante do Brazil, cujas opiniões tanto influiram nas delle; esta util ligação acabou.

O mesmo general, que se mostra tão desejoso de provar a sua amizade ao Brazil, como tomará uma deliberação que lhe revela não ter o governo imperial considerado honrosa e sufficiente uma conclusão que elle, na melhor fé, tinha pela que o Brazil desejava?

Tinha o nosso digno plenipotenciario estreitado relações com Buenos-Ayres que nos poderiam ser cada vez mais proveitosas ; terão agora de ser recomeçadas, e talvez sob a pressão de uma desconfiança das intenções do Brazil, que até hontem não existia.

Não sabemos se a neutralidade de Corrientes e Entre-Rios, que tão util nos foi para ser prohibido o transito aos Paraguayos, se originou dos trabalhos do mesmo plenipotenciario ; mas, residindo elle naquellas regiões, é mais que provavel que nesse sentido houvesse manobrado. Quaes serão os resultados da mudança ?

Finalmente, qual será em toda aquella America Meridional a repercussão do estrondoso facto ? Não considerarão todas essas republicas, e talvez mesmo o corpo diplomatico, ahi acreditado, representar esta mutação uma mutação da politica do Imperio, para outra, vaga, indefinida, elastica, e que cada um qualifique a seu modo ?

XXVIII

C'est pis qu'un crime : c'est une faute. Assim se póde dizer do acto inaudito que exonerou o conselheiro Paranhos da sua missão no Prata.

Não cremos que haja razão em todas as censuras com que, em todas as praticas da cidade e da côrte, elle está sendo fulminado ; mas, com motivo ou sem elle, avultam, entre as criticas, estas :

— Que ha certa escola no Imperio, discipula daquelle potentado, que exemplificava a igualdade, cortando as cabeças das papoilas que por sobre as outras se elevavam.

— Que essa escola trefega, vesga e ciumenta, não descansa, apenas vê um Brazileiro legitimamente subir por seus talentos ou serviços, até lhe armar taes laços que acabe por perdêl-o.

— Que, quando o contendor votado á perda, luta com proprias armas de tão fina tempera, que não ha vencêl-o em campo raso, lá se lhe armam certas minas e machinas infernaes, a que não ha remedio senão succumbir.

— Que, sendo preciso empalmar para o partido liberal a gloria de uma questão que aliás não tolera facções, importava reprovar os actos de um illustre conservador, para envolver no anathema a todos seus correligionarios.

— Que, considerando-se o actual ministerio moribundo, quiz simular força, descarregando um golpe que lhe angariasse ao menos as sympathias de certa roda.

— Que, tendo já demasiado subido o conselheiro Paranhos

na consideração publica, tornava-se um vulto perigoso para a situação, e era preciso derrubal-o.

— Que repetidas experiencias fazem crer que será eterno o facto de se iniciarem as revoluções de cima, parecendo deliciarem-se, em altas regiões, com estas instabilidades curiosas, metamorphoses hoffmannicas e peripecias inesperadas.

— Finalmente que o paiz é muito, mas que SS. Excs. os Srs. ministros, e etc., e etc., são ainda muito mais.

XXIX

É, portanto, no seu santelmo que o Brazil fita os olhos. Possa quem tanto póde restituir a seus eixos uma situação desmantelada.

Quando, a um e um, todos os cidadãos houverem sido annullados, que valerá esta sociedade? Que gloria daria o imperar sobre uma nação de nullidades? E só nos seus cidadãos illustres que uma terra se illustra e honra.

Sua Magestade, como imperador constitucional, gira em esphera demasiado alta para se occupar de pormenores da administração. O seu possante braço é exterior e superior a todos estes pequeninos manejos das facções do poder... Se a sua altissima sabedoria apreciar esta questão como a grande maioria de seus subditos leaes, regosijar-se-ha pela fórma honrosa da conclusão da nossa pendencia no Uruguay; chamará aos seus conselhos homens mais competentes; e destes o primeiro acto será sem duvida restituir o Sr. conselheiro Paranhos ao cargo que desempenhou, com tanta distincção para si e tamanho credito para sua patria.

XXX

Em todo o caso, pois que encetámos por uma reminiscencia historica, seja-nos licito concluir por outra.

O *principe do senado*, Publio Cornelio Scipião, o Africano, depois de haver sido mandado á Africa, como arbitro entre os Carthaginezes e Massinissa, acompanhou, na guerra contra Antiocho, a Lucio, na qualidade de enviado extraordinario. Um partido inimigo do delle, tendo á testa uns Catões, e uns tribunos da plebe, accusou-o, perante a assembléa do povo, bradando que o accordo com Antiocho podia ser melhor. Sem se abaixar a defender-se, limitou-se Scipião a recordar ao povo ser aquelle dia anniversario do em que elle tinha vencido Carthago, convidando-o a acompanhal-o ao capitolio para render graças aos deoses. O povo, amotinado pelos especuladores, comprehendeu então que era ingrato para com o grande homem, e desamparou a accusação.

Cedo voltará o conselheiro Paranhos. Tambem não deve abaixar-se a justificações. Responda aos novos tribunos da plebe : — « O dia 20 de Fevereiro era o anniversario de Ituzaingo ; as manchas desse sol, nesse mesmo dia as lavei ! » E convide o povo para acompanhal-o ao templo do Deus de nossos pais : o povo em massa o seguirá,

Rio de Janeiro, 7 de Março de 1865.

EPAMINONDAS.

Pernambuco—Typographia do Correio do Recife=1865.

55019